

Subprojeto de Música do PIBID Unicamp na E.E. José Vilagelin Neto – Relato de experiência na prática docente do ensino coletivo de violão

Daniele Salina G. Gomes
Universidade Estadual de Campinas
daniele.salina@gmail.com

Adriana do Nascimento Araújo Mendes
Universidade Estadual de Campinas
aamend65@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este trabalho consiste no relato de experiência de dar aulas de ensino coletivo de violão através do Subprojeto de Música do PIBID Unicamp na E.E. José Vilagelin Neto. O objetivo principal é apresentar um estudo que contribua para a pesquisa e prática docente relacionadas tanto ao ensino coletivo de instrumento, como para a permanência e criação de projetos e políticas públicas que visam o ensino de música na escola regular. A metodologia adotada é o relato resumido do trabalho realizado ao longo de cinco anos da implementação do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola citada, bem como o embasamento teórico para as práticas adotadas no ensino de música.

Palavras-chave: Subprojeto música, Pibic, Ensino coletivo de violão.

Introdução

O subprojeto Música do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ocorreu entre agosto de 2012 e agosto de 2017 levando os estudantes do curso de graduação em licenciatura em música da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para atuarem como bolsistas de iniciação à docência na Escola Estadual José Vilagelin Neto de Campinas, no estado de São Paulo. A escola fica localizada no Jardim Proença e conta com cerca de trezentos alunos do Ensino Fundamental II e duzentos do Ensino Médio, nos turnos vespertino e matutino. O subprojeto Pibid Música Unicamp, sob a coordenação da Profa. Dra. Adriana Mendes do Departamento de Música teve, inicialmente, como supervisor na escola o professor de Artes, Cássio Tessari, e posteriormente a coordenadora pedagógica da escola, Madelaine Dias.

A proposta inicial do subprojeto Pibid-Música previa um trabalho de fanfarra e coral com alunos do Ensino Fundamental II e Médio no contraturno escolar. Porém, ao longo desses cinco anos, foram desenvolvidos projetos diversos nas aulas de Artes e no contraturno escolar, com coral, fanfarra, ensino coletivo de violão, flauta doce, apoio a projeto de teatro, além de aulas de apreciação musical e musicalização em parceria com os professores de algumas disciplinas, como Arte e História. Foi instituído também um intervalo musical semanal e um “Show de Talentos” anual, este último fazendo parte, inclusive, do calendário escolar. (Mendes, 2017).

O projeto de ensino de música a ser adotado pelos bolsistas de Iniciação à Docência (ID) tinha por objetivo proporcionar aos alunos uma vivência musical, onde fosse permitido explorar e atribuir valor à escuta, apreciação, expressão, autonomia e criatividade. Pois, conforme afirma Mendes: “Na escola de Educação Básica, os objetivos são mais amplos e fazem parte da formação sociocultural do indivíduo” (MENDES, 2017, p.151). Como então, trabalhar com tantos aspectos importantes e específicos de cada indivíduo através da música? Foi exatamente esta questão que me veio à mente quando comecei a atuar no programa PIBID.

Planejamento e escolha da forma de atuação

Neste momento, encontramos diversas barreiras, uma delas sendo como dialogar com os alunos levando-se em consideração que cada um possui um gosto, conhecimento e vivência musical por vezes muito diferentes. As reuniões pedagógicas com a coordenadora do projeto e a leitura de material relacionado ao tema foram muito úteis para que ampliássemos as nossas concepções sobre música e sobre como é importante respeitar a bagagem musical que cada um traz consigo. Sobre isso, Swanwick (2003) afirma:

Cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música; eles são bem familiarizados com ela, embora não a tenham submetido aos vários métodos de análise que pensamos ser importantes para seu desenvolvimento futuro. Temos de estar conscientes do desenvolvimento e da autonomia do aluno, respeitar o que o psicólogo Jerome Bruner chama de “as energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea”: curiosidade; desejo de ser competente; querer imitar os outros; necessidade

de interagir socialmente. Não podemos nos eximir de compreender tudo que está envolvido com esses aspectos (SWANWICK, 2003, p. 66-67).

Estabelecemos então, inicialmente, trabalhar a partir de músicas que os alunos conheçam, assim teríamos um material mais próximo dos alunos e muitas vezes ricos em significados para estes.

A seguir veio a questão: de que forma trabalhar? Embora tivéssemos os instrumentos de fanfarra disponíveis na escola, nenhum dos bolsistas ID tocava aqueles instrumentos. Juntamente com a coordenadora, decidimos então trabalhar de acordo com a experiência musical dos bolsistas. Aqueles que tivessem experiências em comum trabalhariam juntos, em duplas ou trios, apoiando-se mutuamente e formando assim, um projeto menor, dentro da escola. Eu e mais dois bolsistas ID decidimos trabalhar através do ensino de violão, pois os três conheciam e tocavam tal instrumento. Vimos vantagens em ensinar o violão na escola montando uma aula coletiva. Conforme afirma TOURINHO (2007) sobre o ensino coletivo em oposição ao ensino individual:

O ensino tutorial¹ de música nas escolas especializadas privilegia poucos, escolhidos muitas vezes através de severo teste de seleção, que inclui leitura musical e execução de repertório de origem europeia. Quase sempre exclui iniciantes, que não tiveram oportunidade de um contato anterior com o instrumento que desejam aprender. É possível afirmar que parte dos estudantes que inicia o aprendizado de um instrumento não se profissionaliza ou nem mesmo pensa neste aspecto. O prazer de extrair sons do seu instrumento é a fonte inicial de motivação. O mito da atenção exclusiva é bastante forte no ensino tutorial e a ele se contrapõe a crença do ensino coletivo, de que é possível compartilhar conhecimento, espaço, e que a interação e a diferença são partes importantes do aprendizado. O professor de aulas tutoriais se baseia no modelo de Conservatório e defende a atenção exclusiva ao estudante como a única forma de poder conseguir um resultado efetivo. Pode-se argumentar em favor do ensino coletivo que o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer. Desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social, modelos, ídolos (TOURINHO, 2007, p. 1-2).

¹ O termo “ensino tutorial” refere-se ao ensino tradicional individual, onde há um aluno por professor. Ensino que ocorre ainda hoje, principalmente em Conservatórios musicais. (TOURINHO, 2007, p. 1-2)

Pensamos que também, com os três bolsistas atuando juntos, poderíamos abranger uma turma grande de alunos. Para organizar o conteúdo das aulas e fazer o planejamento, nos baseamos novamente nos trabalhos de TOURINHO (1995, 2007, p. 2-5). Seguimos os princípios de aprendizagem do ensino de violão apresentados pela autora, que são:

- 1) todos podem aprender a tocar um instrumento;
- 2) acreditar que todos aprendem com todos;
- 3) ritmo da aula, que é planejada e direcionada para o grupo, exigindo do estudante disciplina, assiduidade e concentração;
- 4) o planejamento é feito para o grupo, levando-se em conta as habilidades individuais de cada um;
- 5) autonomia e decisão;
- 6) o ensino coletivo elimina os horários vagos.

Sobre o 5º e 6º princípios, respectivamente, Tourinho afirma que os estudantes, quando trabalham em conjunto, se tornam capazes de tomar “decisões musicais, de administração ou organização dos eventos”, além de “se um estudante não comparece, os outros estarão presentes e a dificuldade passa ser administrar o progresso dos faltosos” (TOURINHO, 2007, p.4-5). Vê-se aí a necessidade de reajustar o planejamento com frequência.

Disponibilizamos então, entre os meses de fevereiro a novembro de 2017, aulas coletivas de violões para os alunos da escola, atendendo aproximadamente quarenta alunos do ensino médio e fundamental.

Ensino coletivo de violão na E.E José Vilagelin Neto

No primeiro mês, fizemos divulgação das aulas para cada uma das salas do período da manhã da tarde. E, para abranger os alunos dos dois turnos, decidimos dar as aulas no contraturno, uma vez por semana, às 13 horas. No início muitos alunos se inscreveram nas aulas, mas a maioria não frequentou. Verificamos o que poderia ter feito os alunos desistirem, e descobrimos dois motivos principais: 1) a maioria dos alunos que queriam ter aula não tinham violão e; 2) embora fosse oferecido almoço no refeitório da escola, alguns alunos do período da manhã não queriam ou não podiam ficar até mais tarde, assim como os alunos do período da tarde não poderiam/queriam chegar mais cedo na escola.

Para solucionar a falta de instrumentos, os bolsistas ID levavam os próprios instrumentos e os que tinham sobrando, ou emprestado. O projeto Pibid Música, ao longo dos anos, tinha adquirido um violão, que também era levado para escola e a própria diretora chegou a emprestar um violão que possuía para os alunos. Obtivemos uma assiduidade maior por parte destes. Por vezes, a diretora liberava algumas turmas do sétimo ano para terem aulas no grupo de violões, mesmo no período de aulas da turma vespertina, quando o professor havia faltado, ou quando os alunos terminavam a tarefa da aula mais cedo. Por conta disso acabamos estendendo as aulas até as 14h40min.

Com relação ao conteúdo trabalhado, nas primeiras aulas fizemos dinâmicas para apresentar o projeto aos professores e alunos. Coletamos informações como nome, série, experiências e preferências musicais. Ensinamos as partes do instrumento e os primeiros acordes- os mais fáceis. Para escolher o repertório a ser adotado, novamente voltamos às bibliografias de apoio sugeridas pela coordenadora do projeto. Nela encontramos artigos como o de Corrêa (1971) que afirma:

É perfeitamente compreensível que um jovem, exposto à exagerada divulgação da música popular comercial, tenha seu interesse musical sintonizado com ela. Não se deve ver mal algum no fato de o estudo analítico das obras musicais ser iniciado pelas canções em moda, para só depois focalizar a música dos grandes mestres (CORRÊA, 1971, p.24).

Utilizamos como critério de escolha obras populares, que os alunos conheciam e poderia cantar de cor. Trabalhamos no primeiro semestre as músicas: Asa Branca, de Luiz Gonzaga, e Trem Bala, de Ana Vilela. Levávamos gravações e vídeos das músicas. Verificamos que o segundo princípio de aprendizagem do ensino de violão de Tourinho tornou-se válido também em nossa prática. Aqueles alunos que não conheciam as músicas passaram a conhecer com o auxílio dos colegas, e os que já tinham algum conhecimento técnico do instrumento ajudavam e ensinavam os outros.

Ao longo do segundo semestre, tivemos um número menor de alunos, mas estes foram se tornando um grupo mais independente. Eles chegavam com sugestões de peças novas para tocar, e com outros instrumentos, como baixo elétrico. Alguns cantavam em igreja ou no próprio projeto de coral que foi montado na escola por outros bolsistas ID, e pediam

que ensinássemos a acompanhar no violão. Passamos a trabalhar um mesmo repertório entre os dois projetos, o de coral e o de violão. Essa prática gerou diversos trabalhos e apresentações em vários eventos da escola, como um Sarau organizado por uma das professoras, bem como na 1ª Mostra Cultural, evento que durou um dia inteiro e envolveu a escola toda em uma grande mostra de diversas artes e formas de expressão. Os alunos também prepararam um repertório para apresentar no Show de Talentos, evento anual da escola que tem grande adesão dos alunos, professores e coordenação.

Podemos citar os aspectos musicais ensinados durante o projeto, como acordes básicos, notação, leitura de cifras, transposição de tonalidade, postura para tocar o instrumento, as dinâmicas e jogos musicais que realizamos para que os alunos aprendessem conceitos como melodia ascendente e descendente, ritmos, entradas e improvisação. Mas os maiores resultados foram adquiridos ao longo do ano e não se tratavam somente de conhecimentos técnicos musicais. O grande ganho foi a iniciativa que os alunos demonstraram para organizar e participar de eventos, escolher o repertório, trazer as músicas que queriam aprender para aulas. Notamos que houve mais assiduidade, embora de um grupo menor de alunos. A questão das aulas no contraturno, e falta de instrumento próprio, deixaram de ser um problema que impediu o avanço das aulas, como foi no primeiro semestre.

Alguns alunos, inclusive, venceram a timidez e falta de confiança e passaram a se apresentar nas aulas tocando, cantando, mostrando suas próprias composições. Por várias vezes nos surpreendemos com um deles trazendo uma letra que tinha escrito e na semana seguinte outro aluno da turma mostrava a harmonização que havia feito para aquela letra do colega. Essas composições falavam sobre sentimentos como tristeza e amor, falavam sobre amigos, paixões e família. Passamos a conhecer um pouco mais do universo daqueles alunos, através das suas atitudes e expressões musicais no grupo de violões.

H. J. Koellreutter defende uma educação musical que tenha o ser humano, suas manifestações e expressões como objetivo primordial desta área de conhecimento, valorizando suas diferentes formas de aprendizagem e sendo compreendido em sua totalidade (BRITO, apud AMENT, 2015).

Aquele tipo de educação musical não orientado para a profissionalização de musicistas, mas aceitando a educação musical como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo; de despertar a atividade, como, por exemplo faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo; as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória e, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização de tudo, base essencial do raciocínio e da reflexão, em nosso tempo (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p.42).

Friedrich Schiller (1991) em seus estudos, fala em três dimensões humanas: **a físico-sensível** (sensações, sentimentos, emoções, as experiências sensíveis), **a moral** (lógica, intelecto, racionalidade, vontade, abstração e a construção de juízos), e **a estética**, através da qual o homem se completa, unindo as outras duas dimensões. A educação estética, artística, envolve também uma educação do intelecto, por desenvolver uma capacidade de observação e apreciação. De conhecimento daquilo que observa quando comparado com outras obras, estabelecendo pontes entre o saber sensível proporcionado por nossos órgãos dos sentidos e a abstrativa capacidade simbólica do ser humano. Zimmerman (1992) afirma que a arte possibilita o acesso ao mundo dos sentimentos, o seu desenvolvimento e a sua educação. Os sentimentos se refinam pela convivência com os símbolos da arte. A produção e o contato com estes símbolos conduzem à sua familiaridade e o seu aprimoramento.

Portanto, podemos inferir que o importante, no final, não é a aquisição de conhecimento em si, mas sim o processo de criação, de expressão, de uma consciência não só estética, mas uma percepção mais sensível do mundo. Assim como a autonomia e a criatividade permitem que se tenha um ambiente favorável para conscientização e reflexão. Acredito que esta finalidade, de certa forma, foi alcançada em nossa prática no grupo de violões na E. E. José Vilagelin Neto.

Na minha atuação como bolsista do projeto Pibid Música, pude compartilhar de uma percepção de música e ensino que vai além da transmissão de conteúdo. Assim como pôde reconhecer Ament (2015) em sua própria atuação em projeto similar, também dentro do Pibid.

Aprendi uma educação que se estabelece pelo exercício do diálogo, pelo compromisso, pelo respeito, pelo prazer de fazer música junto com os educandos, pela criação musical em grupo, uma educação que tem seu tempo para acontecer e que acredita em uma educação musical sensível, integral e que busca também o exercício da cidadania como cultura, como transformação da sociedade começando por nós mesmos (AMENT, 2015, p. 23).

Considerações finais

As atividades exercidas pelos bolsistas do subprojeto Música, além de contemplarem centenas de alunos, buscaram tratar o respeito à diversidade de repertórios e a democratização do acesso ao conhecimento musical, trabalhando com o som e com o corpo, bem como utilizando-se das tecnologias para criação e vivência musical. Para os bolsistas, o subprojeto é um espaço enriquecedor de troca de experiências entre estudantes, professores, universidade e escola, onde é possível aplicar as ideias amplamente discutidas em reuniões, buscando integrar e potencializar as capacidades de todos os envolvidos.

Para mim, especificamente, a vivência que tive trabalhando com outros bolsistas no grupo de violões, e com os alunos da escola, foi muito enriquecedora, proporcionando no espaço de poucos meses grandes resultados. Os saberes que adquirimos ao longo do processo acadêmico somente fazem sentido quando aplicados na prática. Como explica Tardif (2002): “os saberes profissionais dos professores são situados, ou seja, são construídos e ganham sentido em função dos contextos de trabalho nos quais são exercidos” (TARDIF apud GATTI, Org., 2014, p. 14). Nada do que estudei ao longo da graduação em licenciatura em música, fez tanto sentido quando colocado no contexto da escola de ensino básico.

Ainda há muito a ser melhorado, o ambiente da escola pública por vezes desgasta alunos, funcionários, professores. Há falta de recursos físicos, há formas de ensino engessadas e ultrapassadas. Porém, ao longo dos cinco anos de existência da parceria entre escola E.E. José Vilagelin e do projeto Pibid Música, foi possível estabelecer uma relação sólida, receptiva aos bolsistas, o que só contribui para uma boa formação humana e profissional de todos os envolvidos.

Referências

AMENT, Mariana B. *O PIBID na formação de educadores musicais: reflexões sobre os processos educativos na construção da identidade profissional*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2015.

BRITO, Teca A. de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CORRÊA, Sérgio O. de V. *Planejamento em educação musical*. São Paulo: Ricordi, 1971.

GATTI, Bernardete A.; ANDRÉ, Marli E. D. A.; GIMENES, Nelson A. S.; FERRAGUT, Laurizete.; *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)*. São Paulo: FCC/SEP, 2014.

MENDES, Adriana do. N. A. Uma reflexão sobre os cinco anos do Pibid-Música Unicamp. In: AYOUB, Eliana; PRADO, Guilherme do Val Toledo (Org.) *Formação docente em diálogos: aprendizados e desafios na formação de professores*. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2017. p.149 à 162.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo, SP: EPU, 1991.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOURINHO, Cristina. XVI ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2007, Campo Grande - MS. 2007

_____. *A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno*. Salvador: Dissertação de Mestrado, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, 1995.

ZIMMERMANN, Elisabeth B. *Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade*. Tese de mestrado em Saúde Mental. Campinas: Unicamp, 1992.